

Objetos técnicos sem pudor: gambiarra e tecnicidade

*Technical objects without decency:
gambiarra and technicity*

Fernanda Bruno

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura/UFRJ e do Instituto de Psicologia/UFRJ. Pós-doutora pela Sciences Po, Paris e pesquisadora do CNPq, coordena o Medialab.UFRJ e o CiberIDEA: núcleo de estudos sobre tecnologias da comunicação, cultura e subjetividade. Membro fundadora da Rede Latino-americana de Estudos sobre Vigilância, Tecnologia e Sociedade/LAVITS. Entre seus livros mais recentes estão: *Máquinas de ver, modos de ser: informação, vigilância e subjetividade* (Sulina, 2013) e *Vigilância e Visibilidade: tecnologia, espaço e identificação* (Org. com Firmino, R. e Kanashiro, M.; Sulina, 2010).
E-mail: bruno.fernanda@gmail.com

Submetido em: 20/01/2017

Aceito em: 27/03/2017

DOSSIE

RESUMO

O texto explora a noção popular e a prática da gambiarra no Brasil, num diálogo com o pensamento de Gilbert Simondon, especialmente com seu texto *Psicossociologia da tecnicidade* (1960-61). Proponho que o conceito e a prática da gambiarra inscrevem uma apropriação despudorada e inventiva dos objetos técnicos, implicando também um modo de se relacionar com o mundo com potencialidades cognitivas e políticas próprias.

PALAVRAS-CHAVE: Gilbert Simondon, gambiarra, tecnicidade.

ABSTRACT

The paper explores the popular notion and practice of gambiarra in Brazil, in a dialogue with the thought of Gilbert Simondon, especially with his text *Psychosociology of technicity* (1960-61). I propose that the concept and practice of gambiarra inscribes a shameless and inventive appropriation of technical objects, implying also a relationship with the world with its own cognitive and political potentialities.

KEYWORDS: Gilbert Simondon, gambiarra, technicity.

Quando pensamos nos objetos técnicos que constituem o repertório simondoniano, nos vem à mente, ao menos para uma leitora ocasional como eu, uma vasta série de motores, automóveis, locomotivas e outros elementos como tródos, transmissores, circuitos integrados etc. Os entes técnicos que apresentarei neste texto não fazem parte desse repertório (não, ao menos, em sua forma convencional), mas dialogam com as reflexões de Gilbert Simondon sobre a realidade técnica.

Os entes de que nos ocuparemos têm o nome, na língua portuguesa, de gambiarra. Palavra de difícil tradução para outras línguas, cuja etimologia é duvidosa e um tanto obscura. Há hipóteses de que tenha relação com gâmbia, que significa perna de homem ou animal, derivada do radical italiano gamba, perna – e mesmo gambeta¹, termo com a mesma raiz e que significa procedimento manhoso, astucioso, pouco decente, segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2004). De acordo com este mesmo dicionário, o primeiro registro oficial da palavra gambiarra data de 1881 (Caldas Aulete) e entre seus significados mais correntes consta “extensão puxada fraudulentamente para furtar energia elétrica”. Além deste sentido, digamos, clandestino da gambiarra, há outros usos populares e extremamente correntes dessa palavra que não estão contemplados no dicionário. Usos que designam uma relação ao mesmo tempo ordinária e inventiva com os objetos técnicos, muito comum na cultura brasileira (ainda que não só nela).

Além da extensão elétrica clandestina, muito comum nas favelas do Rio de Janeiro e em comunidades de baixa renda no Brasil e no mundo afora, gambiarra também significa a prática cotidiana de solucionar um problema ou de reparar de forma improvisada e ágil um objeto quebrado ou que não funciona bem, normalmente acoplando-o a partes de outros objetos que se têm à mão. Mas este não é seu único sentido. Ainda que a prática da gambiarra de algum modo venha sempre responder a uma urgência, em alguns casos ela não é apenas o conserto de um objeto em pane, mas um modo de produzir e usar tecnologias, objetos, serviços que não poderiam ser adquiridos ou comprados: desde as gambiarras que capturam clandestinamente o sinal das grandes operadoras de TV a cabo por assinatura, cujos preços são impeditivos para uma enorme parte da população no Brasil, até gambiarras de computadores, aparelhos

1 O termo gambeta também designa, em castelhano, a jogada individual por excelência no futebol, distintiva da habilidade de um jogador. Agradeço a Pablo Rodriguez pela ajuda linguística.

de som, eletrodomésticos e objetos de toda sorte construídos a partir de arranjos improváveis: mesas que viram barcos, ventiladores de ambiente que operam como cooler de computador, ferro de passar roupa que se transforma em chapa para cozinhar alimentos, um carrinho de supermercado convertido em churrasqueira, ou um simples fio de cobre que faz as vezes das hastes de um óculos.



Neste último sentido, mais amplo, ainda que não haja tradução direta em outra língua, encontramos termos similares na Colômbia (*rebusque*), na Índia (*jugaad*) e na China (*shanzhai*)², além do termo *kludge* em inglês e outros mais distantes, como o francês *bricolage* e a expressão *making do*, mais uma vez no inglês e, talvez, a expressão “lo atamos con alambre” em castelhano³.

Contudo, é importante ressaltar que a gambiarra não é apenas o “faça você mesmo” ou o improvisado com o que está à mão, nem somente a capacidade de produzir soluções e objetos a partir da precariedade de recursos. Proponho neste texto que a gambiarra consiste numa relação despudorada e inventiva com os objetos técnicos, implicando também um modo de se relacionar com o mundo por meio dos entes técnicos que porta potencialidades cognitivas e políticas próprias.

2 Shanzhai designa, de forma mais ampla, o falso ou a cópia, mas envolve uma relação com a tecnologia com aspectos similares à gambiarra. Sobre a cultura do Shanzhai na China, Cf. Han, 2016.

3 Uma listagem de termos e práticas similares à gambiarra em outras línguas pode ser encontrada na apresentação « DIY in Context: from Bricolage to Jugaad », de Victor Viña : <http://www.scribd.com/doc/98988556/DIY-in-Context-From-Bricolage-to-Jugaad> . Agradeço a Felipe Fonseca a indicação desta apresentação e de outras fontes sobre gambiarras.

Objetos técnicos sem pudor

É neste sentido, despudorado e inventivo, que as gambiarras podem ser exploradas num diálogo pontual com o complexo pensamento de Gilbert Simondon, privilegiando textos e noções mais periféricas de sua obra. Não discutirei, por exemplo, o conceito de concretização (Simondon, 1989), que seria o modo de existência do objeto técnico por excelência, mas sim seus processos de uso e produção no âmbito das relações entre cultura, técnica e sociedade.

Por que a gambiarra seria uma relação sem pudor com os objetos técnicos ou objetos técnicos eles mesmos despudorados? Ou mesmo uma relação despudorada com o mundo? Essa qualificação, usualmente atribuída a humanos, me foi sugerida por um trecho do curso “Psicossociologia da tecnicidade” publicado no livro *Sobre a Técnica* (2014), reunindo textos, cursos e entrevistas de Simondon sobre o tema da técnica, escritos no período entre 1953 e 1983. “Psicossociologia da tecnicidade” é de fato um curso ministrado nos anos 1960-61 e publicado inicialmente no *Bulletin de l’École pratique de psychologie et de pédagogie* de Lyon. O texto é constituído de três partes: i) “Aspectos psicossociais da gênese do objeto de uso”; ii) Historicidade do objeto técnico; iii) “Tecnicidade e sacralidade”⁴. Nosso diálogo com este texto restringe-se às duas primeiras partes.

Num tópico intitulado “Reação de defesa contra o ostracismo: desdobramento, criptotecnicidade e fanerotecnicidade” (2014, p. 34), Simondon lança, logo no início do texto, a seguinte questão: “Quais são os critérios do ostracismo que atinge os objetos técnicos?”. A questão tem como pano de fundo o problema mais amplo da reconciliação entre cultura e técnica, perseguido pelo autor em diversos textos, e trata mais precisamente do modo como os objetos técnicos penetram na cidadela da cultura, devendo muitas vezes se fantasiar, se disfarçar, portar um véu para serem aceitos num coletivo ou grupo.

4 Conforme nota da edição de 2014, esta terceira parte – “Tecnicidade et sacralidade” – é inicialmente uma conferência feita em Bordeaux, 1961.

O mais constante é a obrigação de portar um véu ou uma fantasia para penetrar na cidadela da cultura; esse véu não produz ilusão, mas mantém a separação entre o sagrado e o profano, e pode mesmo se tornar ocasião de elegância – se culturalizar – como os véus usados pelas mulheres nas igrejas. O automóvel esconde seu motor sob um capô e seu radiador atrás de uma grade. Este pudor obrigatório ao qual o objeto técnico é assujeitado autoriza por vezes uma relativa regressão do grau de acabamento, do cuidado da construção, ou da escolha dos materiais (Idem, pp. 37-38).

Este pudor, necessário à penetração do objeto numa certa cultura, está presente nos objetos “criptotécnicos” (que se opõem aos fanerotécnicos, considerados geralmente em sua dimensão utilitária e em sua funcionalidade) e que usualmente se inscrevem numa tecnofania e não numa “tecnologia racional”, nas palavras de Simondon (Ibidem, p. 39). Tais tecnofanias, diz o autor, são o caminho pelo qual o objeto técnico reconquista um lugar na cultura que o ostracisa. Uma “ritualização rica em imagens e em símbolos” marca o seu reingresso na cidadela da cultura, “tal como os caracteres da sexualidade, ostracizados, velados pela roupa, se manifestam novamente na ritualização culturalizada da vestimenta elegante” (Ibidem). A estética industrial dedica-se à organizar a tecnofania, sobredeterminando como imagem e como símbolo as partes do objeto selecionadas para se dirigirem ao olhar, para além da sua funcionalidade. “Tomemos um painel luminoso: certamente, ele possui um sentido funcional primário e unívoco, indicar a existência de uma tensão ou uma corrente; mas além disso ele é a baliza da capa tecnofânica, o símbolo da existência de um funcionamento, ele indica uma presença e uma atualidade” (Ibidem, p. 40)⁵

O que interessa mais diretamente nos trechos citados é o caráter ao mesmo tempo “fechado” e atraente de certos objetos técnicos, bem como a série de sobredeterminações que Simondon apresenta neste texto e sua relação com a tecnicidade. Tal tema retorna na segunda parte do texto, sobre a historicidade do objeto técnico. Se na primeira parte Simondon trata de uma sobredeterminação psicossocial atrelada ao uso e, no trecho que vimos, deste pudor que lhe é imposto para que seja aceito numa cultura ou grupo, a segunda parte dedica-se a outro modo de sobredeterminação, designada de sobrehistoricidade,

5 O trecho citado prossegue com uma bela passagem sobre o olhar e os objetos técnicos: “Um objeto técnico complexo que não tenha vidente parece morto e absurdo; é pela apreensão perceptiva do vidente que começa a comunicação com o objeto; ela é um pouco o equivalente do olhar do interlocutor que escuta nossa fala, ou que nos olha falando” (Simondon, 2014, p. 40). Interessante perceber que um argumento similar é encontrado em Freud, Lacan e Winnicott no entendimento da gênese do eu, onde o olhar do outro tem um papel constituinte.

e que se traduz no objeto técnico pelo seu fechamento.

O objeto fechado é aquele que está inteiramente constituído no momento em que ele está pronto para ser vendido; a partir desse momento da mais alta perfeição possível, o objeto só pode ser usado, se degradar, perder suas qualidades, até a desmontagem final e o retorno ao estado de peças destacadas. (Ibidem, p. 60)

O fechamento do objeto afasta o construtor e o utilizador, impondo uma barreira entre os dois (Cf. Ibidem, pp. 60-61). A propósito do fechamento dos objetos industriais, Simondon afirma que “o produto é uma unidade, isto é, um todo completo, mas fechado, indissociável nele mesmo, indivisível, não reparável”. Nesse sentido, os objetos industriais não são claros para o homem. Se por um lado eles são muito próximos enquanto objetos de uso, permanecem estranhos na medida em que não são decifráveis e que “a ação humana não encontra nele pontos de inserção” (Ibidem, pp. 64-65).

Ora, a gambiarra é, neste sentido, o avesso do objeto industrial fechado. E sua presença ou entrada numa cultura ou grupo – e aqui falo especificamente da cultura brasileira - não carrega nenhum pudor. Muito pelo contrário. Em primeiro lugar, porque uma gambiarra em geral não tem invólucro, como se pode ver na imagem 1. Suas peças, emendas e conexões estão comumente explícitas não apenas visualmente e sensorialmente, mas também cognitivamente, pois ela permite que se leia em suas engrenagens e entranhas expostas os rastros de sua produção, dos gestos e acoplamentos que a constituem. De algum modo, a gambiarra opera num regime de “open knowledge” em sua própria materialidade, uma vez que, desde sua origem, sua montagem e seus usos, é sobre um saber comum, compartilhado e coletivo que ela se constrói. Esta continuidade entre a operação de produção e a utilização também está inscrita no próprio termo linguístico “gambiarra”, que designa na língua portuguesa simultaneamente um objeto (trata-se de um substantivo) e um modo de fazer, mostrando a impossibilidade de se desconectar o objeto das ações que o produzem e que vêm de muitas partes.

Neste sentido, a gambiarra é também o avesso da transformação do objeto técnico em uma caixa preta (Latour, 2001) e vai na contramão do processo de encapsulamento da rede de atores e mediações necessárias para a produção e manutenção dos entes técnicos (Idem). Usualmente, os objetos técnicos (especialmente os industriais e toda a série de máquinas e *gadgets* que utilizamos hoje) são caixas pretas que tornam relativamente invisíveis e silenciadas toda a rede heterogênea de agências humanas e não humanas que os produzem e os mantêm. Assim como se tornam silenciadas e pouco visíveis a própria agência desses objetos em nossas vidas. Chegamos inclusive a esquecer que eles existem ou que estejam ao redor quando estão estabilizados e funcionando bem. Todo esse silêncio se rompe, lembra Latour (Ibidem), nos momentos de pane, momentos privilegiados para compreendermos o modo de existência dos entes técnicos, pois neles visualizamos as redes e conexões heterogêneas de que são feitos, bem como suas profusas associações com os humanos. A abertura da caixa preta nos ensina e nos aproxima do modo de existência dos objetos técnicos ou da vida secreta dos objetos, explicitando tanto a sua gênese quanto tudo o que permanece trabalhando e agindo, ainda que de modo intermitente, para a sua existência; em termos amplos, toda a rede sociotécnica de que o objeto é ao mesmo tempo ator e efeito.

Diferentemente dos objetos fechados ou das caixas pretas, as gambiarras materializam uma outra tecnicidade. Elas nos lembram, para retomar alguns trechos de *A esperança de Pandora* (Latour, 2001), que “cada peça da caixa-preta é, em si mesma, uma caixa-preta cheia de peças” (p. 212)”. É como se a prática da gambiarra visse o mundo técnico segundo uma “perspectiva explodida”, termo da arte do desenho, que designa a técnica de representar objetos mostrando seus componentes e engrenagens. A gambiarra é a arte de montar, desmontar e remontar objetos cujas peças vêm de muitas e distintas partes.

Política da gambiarra: invenção e coletivo

Esta proveniência heterogênea e relativamente promíscua das partes e peças da gambiarra é fundamental e constitui, juntamente com os aspectos já apresentados, a face política do seu despudor. Não respeitando as fronteiras entre propriedade e apropriação, a prática da gambiarra inscreve-se

numa relação com os objetos técnicos cuja dinâmica é menos individual, privada (de posse e aquisição de um objeto bem acabado), do que coletiva e inventiva, de reapropriação de partes de diferentes objetos descartados, quebrados ou simplesmente disponíveis, e com proveniências diversas – objetos industriais, mas também elementos da natureza (galhos, fibras, conchas, pedras etc), objetos artesanais e o que mais couber etc. Podemos dizer que ela materializa, nesse sentido, a lei do antropófago: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago” (Andrade, 1995).⁶

Não há, por princípio, nenhuma restrição acerca do que pode fazer parte de uma gambiarra. Tampouco há uma orientação ou lógica prescritiva em jogo, e só é proibido (a posteriori) o que compromete o bom funcionamento da gambiarra. Lembrando que o *bom funcionamento* aqui não é orientado por nenhum ideal, mas sim por algo próximo ao que o psicanalista inglês Donald Winnicott propôs a respeito das mães em relação aos seus bebês. Não a mãe perfeita e ideal, mas a mãe suficientemente boa: aquela que assegura um ambiente favorável e confiável que permite ao bebê construir uma relação criativa com o seu entorno. Similarmente, a gambiarra não é a realização do objeto ideal, ela é suficientemente boa. Todas as misturas são permitidas contanto que sejam funcionais. A inventividade consiste justamente na combinação dos elementos e na criação de uma funcionalidade inesperada para objetos e/ou suas partes.

A gambiarra subverte, assim, a lógica puramente utilitária que marca o consumo de objetos industriais em nossas culturas, em que este é tratado, para usar os termos do próprio Simondon, como um “escravo mecânico”, cuja língua nos é estrangeira. Em suas palavras:

Não se busca compreender a linguagem do escravo, mas apenas obter dele um serviço determinado...o utilizador espera dele que seja capaz de funcionar o mais longamente possível sem retoque, e depois desse tempo o objeto será reformado (ou recusado) em sua totalidade. (Simondon, 2014, p. 66)

6 Sobre posse e apropriação em Oswald de Andrade, Cf. Nodari, 2009.

Avesse desse objeto empregado ou recusado como totalidade fechada, a gambiarra é um objeto em ação, um objeto-montagem, um objeto-trajeto. Aproxima-se, em certa medida, dos objetos abertos descritos pelo filósofo: “O objeto técnico aberto é neotécnico, ele está sempre, em certa medida, em estado de construção, à imagem de um organismo em vias de crescimento” (Idem, p. 61). Esta proximidade é contudo relativa, pois a abertura da gambiarra não parece coincidir plenamente com as características do “objeto aberto” tal como proposto por Simondon e presente na produção artesanal ou na produção industrial mais sofisticada. Na gambiarra, a continuidade entre produção e utilização não se daria segundo uma perspectiva propriamente artesanal. Como já apontamos, ela é construída pela apropriação de objetos ou partes de objetos alheios de toda sorte. Diferentemente da gambiarra, o objeto artesanal não tem peça destacável. Na gambiarra, a comunicação entre a produção e a utilização acontece porque o utilizador retoma o gesto de produção, não propriamente o refazendo ponto a ponto, mas o reinventando em outras direções, propósitos, agenciamentos. Neste sentido específico, a abertura da gambiarra talvez esteja mais próxima daquela que Simondon vislumbra na produção industrial em série, uma vez que esta prepararia, em certa medida, as condições para uma nova comunicação, num nível superior, entre produção e utilização. O instrumento de tal comunicação não seria obviamente o objeto feito, fechado, mas a peça destacável, o elemento constituinte, depositário do poder de abertura e condição para a construção de máquinas abertas.

Percebe-se mais claramente agora que a gambiarra escava uma abertura que se inscreve numa zona intersticial entre o artesanal e o industrial; e cuja comunicação entre a produção e a utilização se dá pela posse contra a propriedade (reverberando uma matriz antropofágica). Poderíamos dizer, ainda, que a gambiarra remete a um tipo de tecnicidade que não respeita as fronteiras entre individual/coletivo; fechado/aberto; parte/todo; sagrado/profano; isolado/conectado; local/global; privado/público; proprietário/comunitário, entre outras. Esta última frase é menos uma afirmação do que uma sucessão de questões. Ou seja: a gambiarra nos daria pistas para pensar uma tecnicidade que vai na contramão do divórcio entre cultura e técnica e a alienação que lhe é correlata, para usar os termos de Simondon? A gambiarra pode nos ajudar a explorar uma relação psicossocial com os objetos técnicos em que vigore a familiaridade e a amizade, tal como propostas no projeto pedagógico-político do filósofo? Além disso: tal reconciliação entre cultura e técnica não implicaria, talvez, repensar, agora em tensão com o próprio

Simondon, a distinção tão clara, reiterada inúmeras vezes neste texto, entre o que seria a tecnicidade essencial, alojada no núcleo propriamente ou puramente técnico do objeto, seu modo de existência por excelência – a concretização – e o que seria uma camada externa, inessencial e pertencente à dimensão psicossocial? Em outros termos, a gambiarra não nos permitiria questionar, numa inspiração latouriana, a distinção demasiadamente nítida que faz Simondon entre o essencialmente técnico e o psicossocial? Ou ainda, a gambiarra não nos mostraria que a rede sociotécnica, em toda a sua heterogeneidade (política, econômica, social etc), está presente em toda a gênese do objeto técnico e não apenas em sua deriva ou “livre aventura” psicossocial? Por fim: a gambiarra não nos permitiria explorar uma outra aventura dos objetos técnicos que tanto se diferencia do mero consumo venal e “alienado”, quanto de um desenvolvimento industrial e de suas redes de distribuição?

Aventuras da gambiarra no Brasil

Com as questões acima no horizonte, passemos à última parte desse texto e a alguns dos agenciamentos que a gambiarra tem inspirado no Brasil. Sem a pretensão de esgotar essa riquíssima prática e suas múltiplas vicissitudes no território brasileiro, limito-me a apontar superficialmente alguns agenciamentos pedagógicos, cognitivos, e políticos da ação “gambiológica”⁷ no Brasil, que vem sendo realizados por coletivos e laboratórios independentes de cultura digital, que misturam a gambiarra, a cultura punk e a ética hacker⁸. A gambiarra é explorada por estes coletivos como um conceito operatório que envolve múltiplas ações: pedagógicas, tecnopolíticas, ambientais, cognitivas e estéticas. Dentro de uma proposta muito próxima à pesquisa-ação (lembrada muitas vezes no texto de Simondon, op.cit., 2014), esses coletivos fazem operar o conceito da gambiarra em escolas, em comunidades de baixa renda e/ou periféricas no Brasil - das favelas de grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo a pequenas cidades da Amazônia.

A gambiarra, familiar a todos, é assim utilizada como um operador conceitual e cognitivo para solucionar problemas ou construir, com o que se tem à mão, o que não se pode (ou não se deseja) comprar - uma

7 Termo proposto pelo coletivo Gambiologia, entendida como “ciência da gambiarra”. Cf. www.gambiologia.net

8 Eis uma lista incompleta de coletivos, projetos e/ou festivais que inspiram esse texto: MetaReciclagem; Mutirão da Gambiarra; Gambiologia; Digitofagia; Mídia Tática Brasil; Gambiarra Favela Tech; Gambiarra Lab.

luz de emergência, um computador, um robô, um pendrive, uma conexão bluetooth, uma antena wi-fi etc.. Além disso, e mais precisamente, a prática da gambiarra é explorada para desenvolver, no processo de construção de uma máquina ou de um objeto técnico, uma relação ao mesmo tempo autônoma e inventiva com a tecnologia (e com o mundo, ao final). Apropriar, montar, desmontar, remontar, agenciar alta e baixa tecnologia, peças industriais e gestos artesanais pontuais, saberes de diferentes proveniências para construir objetos onde se pode ler o rastro de sua produção. Objetos cujo uso está em plena comunicação com a produção, uma vez que é inseparável da manutenção, do cuidado e eventualmente do seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, a meio caminho entre o temporário e o permanente. Ainda que as gambiarras sejam muito diferente dos objetos técnicos explorados por Simondon, elas inscrevem uma relação com a realidade técnica próxima a que o autor propõe, em entrevista a Yves Deforge, ao falar de uma pedagogia: uma relação de familiaridade e de amizade que se impõe entre nós e o objeto técnico, em nossa relação com o mundo (Cf. Simondon, 2014 (1965), p. 403).

Esta familiaridade e amizade, já apontamos, é claramente diferente da relação de consumo com os objetos industriais em que estes são desejados como caixas pretas envoltas em belo design e cuja margem de escolha do usuário vem sob a oferta da personalização. Como lembra Simondon a propósito dos carros personalizados em que se escolhe a cor, o pneu ou o estofamento, todos, segundo ele, acréscimos de sobre-historicidades inessenciais. A relação afetivo-emocional com os objetos técnicos⁹ presente na prática da gambiarra recusa qualquer tipo de oposição entre inovação, construção e utilização, aproximando-se vivamente do que propõe Simondon:

“o ser técnico deve ser considerado como um ser aberto, polarizado, que convoca/ chama ao trabalho seu complemento que é o homem, na coincidência do todo recomposto. O utilizador deve tomar o lugar do construtor. É preciso para tanto que ele coincida com o esquematismo essencial inscrito no ser técnico, que ele seja capaz de pensá-lo, de compreendê-lo e de amá-lo como se o tivesse feito” (Simondon, (1954), 2014, p. 252)

Amar o ser técnico como se o tivesse feito é o *pathos* da gambiarra. Mais ainda, o fazer “gambiológico”

9 Sobre o “amor aos aparatos” e suas implicações para uma nova cultura técnica, Cf. Rodriguez, 2015.

implica pensar, compreender e amar o ser técnico como processo mesmo de refazer, remontar, recombinar suas peças, partes, esquemas, conexões. A tecnicidade em jogo na gambiarra ou a gambiarra pensada como relação com a tecnologia, como modelo possível para o tecnólogo (o representante dos objetos técnicos na cultura) ou ainda como relação do homem com o mundo contém a indeterminação e o inacabamento necessários, conforme Simondon, para uma relação entre cultura e técnica que escape seja à mera utilidade, seja às determinações ou valorações intragrupais. Conforme Guichet, “o objeto técnico só é objeto da cultura se ele introduz na existência dos grupos uma dimensão de transcendência, de inacabamento que os impulsiona a se abrir e se transformar” (2010, p. 245). Ainda que de modo pontual, a gambiarra materializa esse impulso à abertura e à transformação, uma vez que é um objeto-processo por excelência.

O parentesco possível entre o pensamento de Simondon e as gambiarras presentes nas culturas periféricas ao sul do Equador e em outras partes do mundo sinaliza que a dimensão política e cognitiva do trabalho desses coletivos no Brasil a partir do conceito operatório da gambiarra não se reduz, ao menos em potência, a uma peculiaridade regional. A gambiarra inspira processos sociotécnicos que escovam a contrapelo a produção e o consumo global e acelerado de tecnologias prontas para o uso e o descarte. Conforme ressaltam Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2014, pp. 126-142), o imenso repertório de gambiarras do pensador selvagem, que opera com o que tem à mão ressignificando o mundo dentro dos limites – a partir dos limites – é um aliado na luta por agenciamentos sociotécnicos que buscam imaginar a permanência de um mundo por vir, contra aqueles que insistem em ignorar a crise ambiental e a necessidade de redistribuir as riquezas e recursos num planeta finito. Diagnóstico similar é apresentado por pesquisadores que atuam em coletivos de cultura digital, “gambiologia” ou metareciclagem no Brasil:

Em um momento de crise econômica e ambiental em escala global, compreender e compartilhar as metodologias e modos destas apropriações tecnológicas torna-se uma estratégia fundamental para o futuro. A gambiarra entrou na era de sua reprodutibilidade técnica. (Belisário e Lopes, 2011, p. 21)

O sequestro semântico dos gambiologistas é marca de posição e reforça a práxis política de enfrentamento ao massacre da abundância de tecnologias fugazes. Os artistas que desenvolvem projetos em gambiarras procuram questionar a produção

massificada de novos dispositivos e tecnologias que já não possuem obsolescência apenas programada, mas também desejada. (Faltay Filho, 2011, p.4)

As potencialidades sociotécnicas da gambiarra ressoam os caminhos que Simondon entrevê para “salvar o objeto técnico”, no sentido de salvar o humano que ele porta, numa entrevista a Kechicban (2014 (1983)). Numa crítica à obsolescência, referindo-se aos objetos do passado, Simondon ressalta a importância da possibilidade de retomada ou reapropriação. “As técnicas não estão jamais e para sempre no passado” e sua retomada, para além de um saber arqueológico, deve ser germe para invenção futura. O processo de invenção encontra sua formalização mais perfeita, segundo Simondon, na produção de um “objeto destacável ou uma obra independente do sujeito, transmissível, podendo serser compartilhado, constituindo o suporte de uma relação de participação cumulativa” (2005, p. 280). Nas palavras de Guchet (op.cit.), o objeto técnico assim constitui-se como símbolo interhumano. As ressonâncias com as gambiarras são notáveis, na medida em que neste objeto-processo subsiste sempre o “suporte de uma relação de participação cumulativa”. Isso confere ainda à gambiarra e ao ato de invenção nela inscrito, uma transindividualidade. Pois ela porta, em sua materialidade, tanto o ato individual passado quanto a sua retomada coletiva presente e futura. Nas arestas mal aparadas de suas construções, nas colagens e vestígios das múltiplas reapropriações de que são feitas persistem os germes de novos processos de invenção. Não por acaso os coletivos brasileiros investem nas potencialidades pedagógicas e políticas da gambiarra, pois elas conspiram contra o esquecimento do objeto encerrado no mero consumo individual, reforçando a dimensão transindividual na relação inventiva com os objetos técnicos¹⁰.

A dimensão político-pedagógica da aventura brasileira da gambiarra não está livre de ambiguidades. É claro que seria insuportável um mundo só de gambiarras. É certo que além das gambiarras, são fundamentais os objetos e aparatos técnicos bem acabados, estabilizados, que se silenciam e funcionam perfeitamente para que possamos nos ocupar de outras coisas. Mas ao mesmo tempo as gambiarras nos lembram de uma tecnicidade e uma inventividade que produzem ruídos numa cultura de obsolescência programada e de consumo ao mesmo tempo voraz e obediente de objetos técnicos encerrados em lógicas proprietárias.

10 Tal perspectiva dialoga, guardadas as devidas proporções, com o que Simondon via nos exemplos de reciclagem das suas admiradas Mercedes (1983, p. 348).

Referências bibliográficas

ANDRADE, O. de. *A utopia antropofágica*. 2. ed. São Paulo: Globo, Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1995.

BELISÁRIO, A.; LOPES, J. "As culturas digitais dos Pontos de Cultura e Lan houses". IN: Lemos, R.; Varon, J. *Pontos de Cultura e Lan houses: estruturas para inovação na base da pirâmide social*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E.. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2014.

FALTAY FILHO, P. IMERSom: gambiarras como mestiçagem tecnológica. In: V Simpósio ABCiber, 2011, Florianópolis. Anais do V Simpósio Nacional da ABCiber, 2011.

GUCHET, Xavier. *Pour un humanisme technologique. Culture, technique et société dans la philosophie de Gilbert Simondon*. Presses universitaires de France, 2015.

LATOUR, B. *A esperança de Pandora: ensaio sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: EDUSC, 2001.

NODARI, A. A única lei do mundo. *Antropofagia hoje*, p. 455-483, 2011.

RODRIGUEZ, P. E. Amar a los aparatos. Gilbert Simondon y una nueva cultura técnica. *Revista Tecnología y Sociedad*, v. 1, n. 4, 2016.

SIMONDON, G. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989.

_____. *Sur la technique*. Paris: Presses universitaires de France, 2014.

_____. *L'invention dans les techniques*. Paris: Seuil 2005.